



A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E O CIRCUITO INFERIOR DO TURISMO NAS PRAIAS DE REDINHA NOVA, SANTA RITA E JENIPABU, EXTREMOZ – RN

José Alexandre Berto de Almada

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
xande.almada@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca analisar processo de reestruturação produtiva pelo turismo no Rio Grande do Norte a partir do território usado pelo circuito inferior do turismo nas praias pertencentes a Área de Proteção Ambiental de Jenipabu (APAJ), Redinha Nova, Santa Rita e Jenipabu, no município de Extremoz, com o intuito de entender a relação dialética de interdependência dependente entre circuito inferior do turismo nessas praias e o circuito superior do turismo realizado na Via Costeira e na praia de Ponta Negra, no município de Natal. A análise do circuito inferior foi realizada a partir do trabalho de campo, realizado entre janeiro e junho de 2014 na APAJ, no qual foram entrevistados quase todos os comerciantes do local, excetuando dez estabelecimentos fechados ou comerciantes que não quiseram participar da entrevista, totalizando noventa e seis estabelecimentos visitados dos cento e seis identificados no trabalho de campo. Durante o trabalho de campo também foram coletados dados cartográficos por meio de aparelho GPS no qual foram utilizados na elaboração dos mapas de espacialização da urbanização e do território usado pelo circuito inferior na APAJ. Ao visitar a cidade de Natal, o turista não fica apenas nessa cidade. Há uma gama de lugares para ser visitado, tanto no litoral norte quanto no litoral sul do estado do Rio Grande do Norte. Um desses lugares são as praias da APAJ, Redinha Nova, Santa Rita e Jenipabu, onde o processo de urbanização na Via Costeira e em Ponta Negra possibilitou a constituição do circuito inferior do turismo nessa APA. A chegada dos turistas a essas praias arrasta consigo um discurso de desenvolvimento econômico para o lugar e para os moradores locais. A contradição entre os dois circuitos é mais perversa para quem está no lado inferior da economia. Enquanto os empreendimentos do circuito superior têm como meta a acumulação do capital para que os dividendos possam ser utilizados em novos investimentos, em diversos setores da economia; no circuito inferior, a realidade é a sobrevivência. As boas vendas possibilitam recursos para garantir a alimentação diária da família e capital para comprar os produtos que serão vendidos no próximo dia.

Palavras-chave: Circuito Inferior; Turismo; Redinha Nova; Santa Rita; Jenipabu.

THE PRODUCTIVE RESTRUCTURING AND THE LOWER CIRCUIT OF TOURISM ON THE BEACHES REDINHA NOVA, SANTA RITA AND JENIPABU, EXTREMOZ-RN

ABSTRACT

This paper analyzes the process of productive restructuring of tourism in Rio Grande do Norte starting of the territory used by the lower circuit of tourism on the beaches belonging to Área de Proteção Ambiental de Jenipabu (APAJ), Redinha Nova, Santa Rita and Jenipabu in the municipality of Extremoz in order to understand the

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN**
José Alexandre Berto de Almada

dialectical relationship of interdependence and dependent between lower circuit of tourism on these beaches and the upper circuit of tourism in Via Costeira and Ponta Negra beach in Natal. Analysis of the lower circuit was carried out the fieldwork was carried out between January and June 2014 in APAJ, in which respondents were almost all local traders, except for ten closed establishments or dealers who refused to participate in the interview, totaling ninety six establishments visited of the one hundred and six establishment identified on the fieldwork. During the fieldwork cartographic data were also collected through GPS unit in which they were used in the preparation of spatial maps of urbanization and territory used by the lower circuit in APAJ. When visiting the city of Natal, tourists not only is this city. There are a range of places to be visited, both on the northern coast and in the southern coast of Rio Grande do Norte state. One of these places are the beaches of APAJ, Redinha Nova, Santa Rita and Jenipabu where the urbanization process in the Via Costeira and in Ponta Negra possible the constitution of lower circuit of tourism that apa. The influx of tourists to these beaches implies an economic development speech to the place and the locals. The contradiction between the two circuits is more evil for those who are on the lower side of the economy. While the developments of the upper circuit are targeting the accumulation of capital so that dividends can be used in new investments in various sectors of the economy; the lower circuit, the reality is survival. Good sales allow resources to ensure the daily family meals and capital to buy the products that will be sold the next day.

Keywords: Lower Circuit; Tourism; Redinha Nova; Santa Rita; Jenipabu.

**LA REESTRUCTURACION PRODUCTIF ET LE CIRCUIT INFERIEUR
DU TOURISME DANS LES PLAGES DE LA REDINHA NOVA, SANTA
RITA ET JENIPABU, EXTREMOZ-RN**

RÉSUMÉ

Cette étude vise à analyser le processus de restructuration productive du tourisme à Rio Grande do Norte du territoire utilisée par le circuit inférieur du tourisme sur les plages appartenant à APAJ, Redinha Nova, Santa Rita et Jenipabu dans la municipalité de Extremoz, afin de comprendre la relation dialectique de l'interdépendance entre dépendante circuit inférieur du tourisme dans ces plages et le circuit supérieur fait du tourisme dans la Via Costeira et plage de Ponta Negra à Natal. L'analyse du circuit inférieur a été réalisée à partir du travail de terrain, effectué entre Janvier et Juin 2014 dans l'APAJ, qui a interviewé presque tous les commerçants locaux, à l'exception des dix entreprises ou des commerçants fermés qui ont refusé de participer à l'entrevue, totalisant quatre-vingt dix six établissements visités. Au cours du travail sur le terrain, nous avons également recueilli des données cartographiques via l'unité GPS dans laquelle ils ont été utilisés dans la préparation des cartes de répartition spatiale de l'urbanisation et territoire utilisés par le circuit inférieur dans l'APAJ. Lors de la visite de la ville de Natal Les touristes ne sont pas seulement dans cette ville. Il existe une variété de lieux à visiter, à la fois sur la côte nord et la côte sud de Rio Grande do Norte. L'un de ces lieux sont les plages de l'APAJ, Redinha Nova, Santa Rita et Jenipabu où le processus d'urbanisation dans la Via Costeira et Ponta Negra rendu possible la mise en place du circuit touristique inférieur cette apa. L'afflux de touristes à ces plages apporte avec elle un discours de développement économique pour le lieu et pour les habitants. La contradiction entre les deux circuits est plus mauvais pour ceux qui sont sur le côté inférieur de l'économie. Alors que les entreprises du circuit supérieur visent l'accumulation de capital ainsi que les dividendes peuvent être utilisés dans de nouveaux investissements dans divers secteurs de l'économie; le circuit inférieur, la réalité est la survie. Les Bonnes ventes permettent les ressources pour assurer l'alimentation quotidienne de la famille et de la capitale pour acheter les produits qui seront vendus le lendemain.

Mots-clés: Circuit Inférieur; Tourisme; Redinha Nova; Santa Rita; Jenipabu.

INTRODUÇÃO

O modo de produção capitalista nem sempre foi hegemônico na organização dos sistemas produtivos mundiais, entretanto, a partir do momento que a totalidade do espaço geográfico passa a ser orientado por esse viés, o mundo passa a experimentar períodos cíclicos de crises financeiras que afetam as dimensões sociais, a exemplo, as crises da bolsa de Nova York, de 1929; do petróleo da década de 1970 e recentemente a do sistema financeiro iniciada em 2008, mas ainda presente na atualidade, contribuindo para a desarticulação econômica nas diversas escalas, do local ao global.

A experiência no decorrer das décadas tem mostrado que as crises econômicas têm contribuído para renovar o sistema capitalista no que diz respeito a suas estruturas produtivas, que segundo Smith (1988, p. 223),

Os períodos de crise são também períodos de dramática reestruturação. O capitalismo está sempre transformando o espaço à sua própria imagem, mas em períodos de expansão isto significa a substituição de padrões mais ou menos estabelecidos num período anterior. Precisamente durante as crises é que os novos padrões se estabelecem, numa reestruturação sem precedentes do espaço geográfico.

Dessa forma, a cada crise do capital o espaço geográfico testemunha uma reestruturação produtiva, materializando novos meios de acumular e reproduzir capitais. Segundo Azevedo (2013), as transformações provenientes da reestruturação produtiva,

[...] se articulam e se configuram como alternativas de superação das crises cíclicas do sistema capitalista para a ampliação/reprodução do próprio capital, afetando sobretudo o mundo do trabalho, com contornos muito bem definidos, especialmente nos países subdesenvolvidos, onde o Estado do bem-estar-social ainda apresenta sérios problemas, limites e vulnerabilidades (ibidem, p. 114).

O Brasil entre as décadas de 1980 e 1990, apontadas como a primeira e a segunda “década perdida”¹ (GOMES, 2007) respectivamente, insere-se no contexto mencionado por Azevedo (2013), enquanto país subdesenvolvido com um Estado de bem-estar-social com vários problemas agravado pelo acirramento da crise econômica da década de 1970, mas não só o Brasil, outros países também estavam neste contexto, no qual iniciavam uma

¹ Para Gomes (2007, p. 96) a década de 1980 foi considerada “perdida” no sentido econômico uma vez que “[...] os Planos de estabilização (o Cruzado I e II, e o Bresser) não foram capazes de reduzir a inflação galopante e nem de reativar os investimentos no setor produtivo do país”.

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN**
José Alexandre Berto de Almada

fase de desvalorização contínua ou mesmo desigual, marcada por grande desemprego, crescentes quedas nas taxas médias de lucro, ofensivas dos padrões contra a classe trabalhadora, fechamento de fábricas, evasão de capitais, desindustrialização (SMITH, 1988, p. 223).

Esse cenário insere-se no contexto das transformações decorrentes da nova ordem mundial, marcada pela desarticulação da Guerra Fria e da ordem bipolar mundial, pelo enfraquecimento do Estado desenvolvimentista e pela redemocratização brasileira que tinha como pano de fundo o acirramento da crise da década de 1970, contextualizado pela reestruturação produtiva nacional, contribuindo para que nos “[...] fins dos anos 1980, um dos pontos da agenda política era o da ‘inserção competitiva’ do país à nova ‘ordem mundial’” (SILVA, 2014, p. 260).

A inserção competitiva brasileira à nova ordem mundial significou a adequação do território nacional aos novos paradigmas econômicos para atender aos interesses da reprodução e acumulação do capital, para isso, cada unidade federativa a materializou de forma singular em seus espaços essas transformações.

O Rio Grande do Norte não ficou isento a essas transformações vivenciadas pelo Brasil nas décadas de 1980 e 1990, incentivadas em grande parte pelos investimentos públicos e pelo deslocamento do capital privado de áreas concentradas, como o estado de São Paulo, para áreas com menor concentração de capital, por exemplo o território potiguar, que passa a vivenciar em sua economia o crescimento e/ou desenvolvimento econômico da agropecuária, pesca, turismo, mineração, construção civil, carcinicultura, indústria têxtil, comércios e serviços (AZEVEDO, 2013; SILVA, 2014).

Dentre esses seguimentos, iremos nos voltar para o processo de reestruturação produtiva pelo turismo desenvolvido no litoral leste do estado, destacando o processo de urbanização marginal ocorrido nas praias de Jenipabu, Santa Rita e Redinha Nova, no município de Extremoz, em relação a Via Costeira e a Praia de Ponta Negra, na capital Natal.

Embasando nossa análise com a teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos para analisar o território usado pelo turismo nas praias da Redinha Nova, Santa Rita e Jenipabu, que fazem parte da Área de Proteção Ambiental de Jenipabu (APAJ), evidenciando sua relação de dependência com o território usado pelo circuito superior na Via Costeira e na Praia de Negra.

A análise do circuito superior foi realizada a partir do levantamento bibliográfico dos dados secundários contido na literatura específica e nos órgãos oficiais. Utilizou-se o

jogo metafórico da “vitrine do turismo”, de Furtado (2005), para analisar a relação dialética no processo de urbanização do circuito superior, na Via Costeira e em Ponta Negra, a vitrine do turismo, e o circuito inferior nas praias da APAJ, o outro lado da vitrine do turismo.

A análise do circuito inferior foi realizada a partir do trabalho de campo, realizado entre janeiro e junho de 2014 na APAJ, no qual foram entrevistados quase todos os comerciantes do local, excetuando-se os estabelecimentos fechados ou comerciantes que não quiseram participar da entrevista, totalizando noventa e seis estabelecimentos visitados. Durante o trabalho de campo também foram coletados dados cartográficos por meio de aparelho GPS os quais foram utilizados na elaboração dos mapas de espacialização da urbanização e do território usado pelo circuito inferior na APAJ.

Além dos dados primários coletados em campo, a análise também utilizou dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e, principalmente, o banco de dados internos do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente – IDEMA, sobre a APAJ.

TURISMO ENQUANTO ATIVIDADE ECONÔMICA

O surgimento da atividade turística está diretamente relacionado com a modernização tecnológica no território, permitindo que a árdua chegada aos lugares exóticos conquistados pela aristocracia europeia do século XIX pudesse ser acessível à grande demanda do turismo de massa da classe média no século XX. Conforme aconteceu com a região dos Alpes na Europa, onde a subida a montanha tornou-se acessível graças aos engenhos mecânicos².

A atividade turística não está apenas relacionada com a aptidão geográfica, com o imaginário de um lugar a ser conquistado. Para um lugar tornar-se turístico há uma realidade tautológica: “são os turistas que estão na origem do turismo” (KANFOU, 1996, p. 70), pois “sem turista, o lugar turístico não tem razão de ser” (CRUZ, 1999, p. 19).

Essa característica obrigatória do turismo implica numa racionalização do espaço que permite a transformação de um espaço qualquer em um destino turístico, dotando o espaço com uma geografia específica para atender às necessidades de lazer e acomodação dos turistas.

² Sobre assunto ver BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2003, no qual discute o surgimento do turismo de massa na Europa a partir das modernizações tecnológicas no território.

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN
José Alexandre Berto de Almada**

A realidade geográfica brasileira é diferente da encontrada naquela região europeia, pois, a racionalização e especialização da atividade turística, ao se constituir no lugar trazem consigo o circuito superior desta economia, que tem como objetivo “[...] acumular capitais indispensáveis à continuidade das atividades à sua renovação em função dos progressos técnicos” (SANTOS, 2008, p. 46). Ao mesmo tempo em que instala no lugar o circuito inferior cuja base consiste, “antes de tudo, sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas de consumo particulares à vida moderna” (ibidem, p. 46).

O circuito superior do turismo no Brasil materializa-se através das formas e funções constitutivas na organização do espaço, envolvendo serviços de hospedagem, agenciamento de viagens, cadeias de restaurantes, *shopping center*.

O circuito inferior do turismo surge a partir do circuito superior, e tem como público alvo os mesmos clientes do circuito superior, porém, com outra escala de atuação e outra necessidade final, a sobrevivência, sendo marcada por atividades com baixo capital agregado, sobretudo pela presença de ambulantes e pequenos comércios.

A atividade turística praticada no Nordeste Brasileiro tem em sua base de funcionamento no modelo do turismo de Sol e Mar, que tem como aptidão paisagística as características naturais no litoral nordestino, altas taxas de luminosidade solar e belas praias³. Essas paisagens reproduzidas massivamente nas revistas especializadas em viagens turísticas despertam o interesse do consumidor em visitar o lugar estampado na capa da revista, conforme exemplifica a Figura 01, retratando paisagens do litoral entre as praias de Santa Rita e Jenipabu, pertencentes à Área de Proteção Ambiental de Jenipabu (APAJ).

³ A noção de beleza das praias nordestinas é um atributo valorativo socialmente criado, pois nenhuma praia é bela a priori. A sua beleza surge no contexto valorativo da inserção das praias nordestinas no ciclo do turismo internacional, havendo uma fetichização da imagem do litoral, geralmente associando as praias com a ideia de paraíso na Terra.

A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova, Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN
José Alexandre Berto de Almada



Figura 1 – O Bar 21, entre as praias de Santa Rita e Jenipabu nas capas de uma revista especializada em destino turístico – 2009; 2007

Fonte: Editora Abril, 2009; 2007.

Ao chegar ao local veiculado nas capas das revistas o turista não se depara apenas com a praia, mas como uma realidade geográfica para recebê-lo. Nesses lugares há uma configuração territorial para ser usada, desde boates a vendedores ambulantes nas praias, e é nessa realidade que está a relação dialética entre o circuito superior e inferior do turismo, resultando um processo de urbanização desigual e combinado entre esses circuitos.

A urbanização é desigual e complementar, pois, “existe entre os dois circuitos uma oposição dialética: um não se explica sem o outro. Ambos são opostos e complementares, ainda que para o circuito inferior a complementaridade adquire a forma de dominação” (SILVEIRA, 2007, p. 150).

Os circuitos da economia urbana na perspectiva do turismo estão presentes em Natal e na APAJ e podem ser definidos a partir de dois princípios essenciais: “1) o conjunto de atividades realizadas em certo contexto; 2) o setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade do consumo” (SANTOS, 2008, p. 42)

Nessa perspectiva, as atividades realizadas em certo contexto estão relacionadas com os estabelecimentos comerciais do circuito inferior e do superior. Em relação ao setor da população que se liga a ele há uma diferenciação da teoria clássica dos circuitos em que o circuito inferior tem como público alvo a população com baixo poder aquisitivo e o circuito superior destinado a população com alto poder aquisitivo.

Porém, na articulação entre os circuitos da economia urbana na perspectiva do turismo nas praias da APAJ e da área concentrada do turismo em Natal praticamente não

há diferença entre o público alvo, pois os mesmos turistas que estão consumindo nos hotéis e boates estão eventualmente realizando passeio de *buggy*, de dromedário nas dunas de Jenipabu e consumindo nas barracas de praia de Santa Rita.

Na relação entre os dois circuitos é a circulação dos clientes que exerce papel fundamental para o processo de urbanização da APAJ, e esse serviço é realizado pelo circuito superior marginal, representado pelas empresas de transporte turístico. Porém são os bugueiros os principais responsáveis pela articulação entre essas duas realidades da atividade turística, pois são eles que fazem a conexão direta do turista com hotel cinco estrelas na Via Costeira com o ambulante nas dunas de Santa Rita. Desse modo, a urbanização dessas praias resulta em uma configuração territorial de acordo com o trajeto e pontos de parada dos bugueiros, criando uma relação de dependência econômica direta dos comércios do circuito inferior com os bugueiros do circuito superior marginal.

Dessa forma, o presente trabalho busca analisar o processo de urbanização resultante do território usado pelo circuito inferior do turismo nas praias pertencentes a APAJ, Redinha Nova, Santa Rita e Jenipabu, no município de Extremoz, com o intuito de entender a relação dialética de interdependência entre circuito inferior do turismo nessas praias e o circuito superior do turismo realizado na Via Costeira e na praia de Ponta Negra, no município de Natal.

A análise do circuito inferior foi realizada a partir do trabalho de campo, feito entre janeiro e junho de 2014 na APAJ, no qual foram entrevistados quase todos os comerciantes do local, excetuando dez estabelecimentos fechados ou comerciantes que não quiseram participar da entrevista, totalizando noventa e seis estabelecimentos visitados dos cento e seis identificados no trabalho de campo. Durante o trabalho de campo também foram coletados dados cartográficos por meio de aparelho GPS no qual foram utilizados na elaboração dos mapas de espacialização da urbanização e do território usado pelo circuito inferior na APAJ.

Além dos dados primários coletados em campo, a análise também utilizou dados secundários do IBGE e, principalmente, o banco de dados internos do IDEMA sobre a APAJ.

O CIRCUITO INFERIOR DO TURISMO NA APAJ

A Via Costeira e a praia de Ponta Negra concentram as atividades do circuito superior do turismo, porém, nas praias do município ao norte, Extremoz, está estruturado

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN**
José Alexandre Berto de Almada

o circuito inferior, com pequenos comércios e um grande número de ambulantes que não refletem em suas atividades a riqueza do turismo, mas sim, a dependência econômica do circuito inferior em relação ao superior.

O início dos anos 1990 marca inserção de Natal na rota do turismo internacional, fruto do processo de reestruturação produtiva do estado. Essa realidade desencadeou o processo de urbanização das praias no município de Extremoz, ao norte da capital do estado, transformando o território de vilas de pescadores jangadeiros em ponto de passagem dos pacotes de viagens oferecidos pelas agências de viagem e pelos passeios realizados pelos bugueiros.

Durante o processo de valorização do litoral de Extremoz, ainda nos anos 1990, foi criado a Área de Proteção Ambiental de Jenipabu, gerando alguns entraves à entrada de investimentos do circuito superior de capital externo, principal os oriundos do capital europeu. Segundo Silva (2010, p. 341) esses empecilhos são em virtude da regulamentação da APAJ que “[...] tem colocado entraves a uma maior produção imobiliário-turístico nas praias devido à, por exemplo, obrigatoriedade de um gabarito mais baixo, impedindo a construção de *flats* ou resorts de maior porte”.

A delimitação dessa área de proteção ambiental contribuiu para a criação do circuito inferior do turismo na APAJ, uma vez que os investimentos do grande capital para evitar transtornos legais passaram a concentrar-se em áreas sem esses entraves. Nessa perspectiva, “esse fator legal criou uma área privilegiada em Pitangui⁴, onde se desenvolve projeto do maior empreendimento imobiliário-turístico do litoral, devido à particularidade de não estar dentro da APA” (SILVA, 2010, p. 341).

Um dos projetos imobiliários-turístico do circuito superior vertical que encontrou os entraves legais para usar o território da APAJ foi o

projeto imobiliário de capital espanhol na praia de Santa Rita Village, desenvolvido pela construtora Valerobrasil, que segundo o projeto desse empreendimento está previsto a construção de um condomínio de 938 casas, com preços a partir de R\$ 200 mil reais, sob o argumento de ser primeira residência, com os benefícios de se morar próximo a praia e próximo do centro de Natal (ALMADA, 2013, p. 60-61).

O grupo responsável possui sua sede em Barcelona, fundado em 1989, concentrando sua atuação na Catalunha, Espanha, mas, “[...] decidiu investir fora da Espanha (em 2005), a escolha recaiu no Brasil com projetos para São Paulo e Rio Grande do Norte, sendo que no último com cinco projetos” (SILVA, 2010, p. 342). O

⁴ Localizada no município de Extremoz, distante trinta quilômetros de Natal.

empreendimento Santa Rita Village começou ser divulgado em 2006 na feira *Internacional Barcelona Meeting*, uma feira que reúne os principais investidores mundiais do grande capital imobiliário. Porém, o empreendimento nunca conseguiu vencer a fase licitatória do projeto, e segundo o gestor do IDEMA responsável pela APAJ há pouca probabilidade do projeto se adequar às normas ambientais vigentes naquele território.

Embora ausente de grandes investimentos, a ideologia do potencial econômico permaneceu no imaginário das pessoas, principalmente daqueles com menor poder aquisitivo, que viram nessas praias uma possibilidade de mudar de vida, um caminho para ascensão social.

Esse contexto contribuiu para a estruturação do circuito inferior do turismo. Os comerciantes constituíam seus negócios a partir do fluxo temporário de turistas que ficavam algumas horas nas praias de Santa Rita e Jenipabu.

Para analisar a materialização do circuito inferior na APAJ foram realizadas durante os meses de janeiro a julho de 2014 visitas a campo, com o intuito de identificar e classificar as atividades comerciais presentes no perímetro legal da área de proteção ambiental.

As pesquisas foram feitas a partir de entrevistas com questionários estruturados destinados aos proprietários ou responsáveis pelo estabelecimento comercial, buscando conhecer o tipo de atividade comercial, público alvo, tempo de funcionamento e local de origem e a atual moradia do proprietário ou responsável. Essas informações permitiram identificar, de que forma está sendo usado o território na APAJ e como se dá a relação entre o circuito inferior e superior do turismo, no total foram identificados cento e seis estabelecimentos comerciais, do qual participaram noventa e seis estabelecimentos da pesquisa.

Um dos critérios para classificar o circuito inferior é a mão-de-obra empregada, em que “o contrato frequentemente assume a forma de um acordo pessoal entre patrão e empregado [...]” (SANTOS, 2008, p. 45), com grande importância no trabalho familiar e autônomo. Segundo esse critério, de acordo com a Tabela 1, temos a seguinte organização quanto a natureza da mão-de-obra dos comércios na APAJ:

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN**
José Alexandre Berto de Almada

Tabela 1 – Organização dos Comércios da APAJ em 2014 quanto à natureza da mão de obra

Autônomo (sem funcionários)	23
Mão de obra Familiar	39
De 01 a 05 funcionários	22
De 06 a 10 funcionários	4
Mais de 10 funcionários	5
Total	96

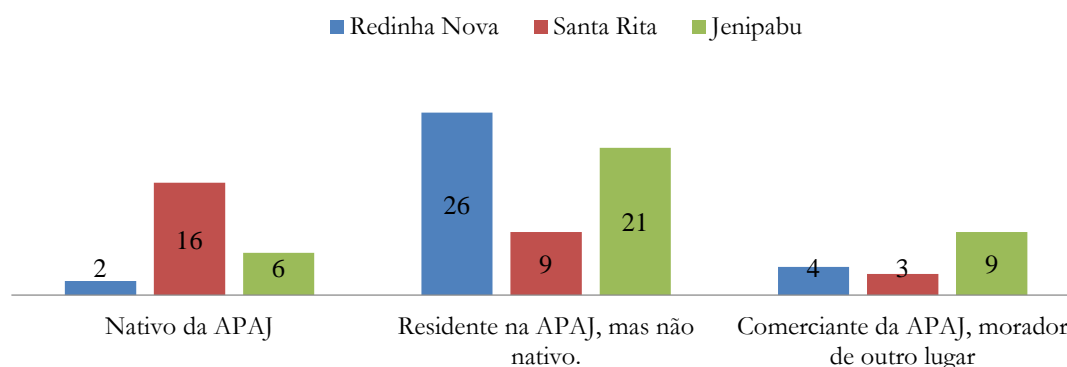
Fonte: Pesquisa de campo, elaborado pelo autor, 2014.

Dessa forma, a maioria dos comércios utiliza mão-de-obra familiar e/ou não possuem funcionários, sendo essa uma das características essenciais do circuito inferior. Os comércios com mais de seis funcionários, devido ao nível de organização e capital empregado, tendem a integrar o circuito superior marginal da economia urbana.

Além da classificação dos comércios pela natureza da mão de obra, outro dado essencial é a origem dos proprietários, conforme evidencia o Gráfico 1, pois, se a atividade turística teve em sua materialização no território a idealização de desenvolvimento para a comunidade, a tendência é que nesse processo a maioria dos moradores locais estivesse presente, mesmo como proprietários de empreendimentos do circuito inferior.

Porém, o estudo de campo corroborou para desmentir o ideal de desenvolvimento econômico para a população local, pois, com exceção da praia de Santa Rita, a maioria dos comerciantes não é nativa da APAJ. Dos noventa e seis comerciantes, cinquenta e seis migraram para as praias da APAJ, vindo outros municípios do Rio Grande do Norte quanto de outros estados e até mesmo de outro país. Outros dezesseis comerciantes possuem seus estabelecimentos na APAJ, mas residem nos municípios da Região Metropolitana de Natal, principalmente a capital do estado, Extremoz e São Gonçalo do Amarante. O Gráfico 1 mostra a proporção dos comerciantes de acordo com a natureza de sua relação com a APAJ.

Gráfico 1 – Comerciantes de acordo com a natureza de sua relação com a APAJ - 2014



Fonte: Pesquisa de campo, elaborado pelo autor, 2014.

A atividade turística não resultou no desenvolvimento econômico para a população local, apenas consolidou sua dependência econômica em relação ao circuito superior do turismo.

REDINHA NOVA

A praia Redinha Nova está situada no município de Extremoz, localizada ao norte da praia de Santa Rita, também em Extremoz, e ao sul da praia da Redinha, na cidade de Natal. De acordo com o Censo do IBGE de 2010, Redinha Nova conta com cento e sessenta e cinco habitantes, distribuídos em cinquenta e um domicílios. Porém, durante a pesquisa de campo foram constadas, visualmente, um número de casas provavelmente muito superior a cinquenta casas.

A explicação para essa divergência entre o número total de domicílios e o número de domicílios ocupados por moradores permanentes pode ser encontrada no processo de urbanização dessa praia que resultou na atual configuração territorial.

Até a década de 1970, os povoados litorâneos, nessa área do estado, concentravam-se nas praias de Santa Rita e Jenipabu, em Extremoz, e na praia da Redinha em Natal. Antes dessa década, praticamente não havia casas na área onde estão localizadas as casas da Redinha Nova, apenas a fauna e flora nativa.

Essa realidade começa a mudar com a construção das primeiras casas de vilegiaturas⁵, principalmente a partir da década de 1970, quando

[...] os primeiros loteamentos foram abertos na área que ficaria conhecida como Redinha Nova e Santa Rita, conectadas por vias urbanas de Natal. O loteamento seguiu o padrão de lotes 10, x 20m e 12m x 25m, do tipo xadrez e sem contar com qualquer espaço público, resultando em uma monótona área de casas de veraneio [...] (SILVA, 2010, p. 338).

A configuração territorial da praia de Redinha Nova, com muitas casas, mas com apenas cinquenta e uma ocupadas, tem sua origem no processo de loteamento iniciado de 1970 que impôs a essa praia sua forma e função dentro do contexto urbano de Natal: atender às necessidades de lazer em casas de praia para os cidadãos natalenses, principalmente os oriundos da classe média, em virtude do baixo preço da terra naquela época.

⁵ Casa de campo ou de praia onde se passa um período de veraneio.

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN
*José Alexandre Berto de Almada***

Embora os loteamentos sejam da década de 1970, o aumento da urbanização iniciou-se na década de 1990, em virtude do crescimento do setor turístico na cidade de Natal. O mesmo evento que trouxe o vetor de transformação do espaço geográfico das praias urbanas da capital, também acelerou o processo de urbanização nas praias do outro lado do rio Pontegi, principalmente nas praias que vieram a compor a APAJ.

A primeira interação da praia de Redinha Nova com o turismo desenvolvido no eixo da vitrine do turismo não se deu pela contradição entre o circuito superior e inferior, mas sim pela materialização do circuito superior marginal do turismo em seu território a partir de dois hotéis de médio porte, construídos na década de 1990 funcionando até o ano de 2006.

Segundo os comerciantes mais antigos, que presenciaram o período de funcionamento desses dois hotéis, o Atlântico Norte e o Hotel Redinha, os comércios da Redinha Nova funcionavam em função desses dois estabelecimentos, que proporcionaram o início da constituição do circuito inferior nessa praia.

Porém, após o fechamento desses hotéis, a atividade turística nessa praia diminuiu em função da ausência do número de hóspedes, reduzindo, também, o número de atividades do circuito inferior. Segundo os dados coletados na pesquisa de campo, a praia de Redinha Nova conta com trinta e dois comércios, sendo que o mais antigo iniciou suas atividades há trinta e dois anos, no ano de 1982, sendo a mais antiga atividade comercial da APAJ identificada na pesquisa de campo.

Em média, as atividades comerciais possuem 7,6 anos de funcionamento, o que evidencia o caráter recente do processo de urbanização da praia. A maioria dos empreendimentos iniciaram suas atividades nos últimos onze anos, coincidindo com o período de expansão do setor turístico em Natal, período em que ainda estavam funcionando os hotéis da Redinha Nova.

Os fechamentos dos dois hotéis contribuíram para o progressivo decréscimo do número de habitantes em relação ao número total de casas. Porém, esse fato não foi suficiente para suprimir a ideologia desenvolvimentista que o turismo promoveu para região, uma vez que 41 % dos atuais comércios iniciaram suas atividades nos últimos três anos.

De acordo com os dados coletados, a presença da maioria dos comércios na Redinha Nova é recente, iniciado a sua expansão a partir de 2003, ano em que se inicia o aumento do número de desembarques internacionais em Natal.

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN**
José Alexandre Berto de Almada

Dos trinta e dois empreendimentos, apenas dois não correspondem ao circuito inferior, justamente o *Aquário de Natal* (Figura 2), com quarenta funcionários, sendo a atividade econômica que mais emprega na APAJ e o restaurante *Barramares*, com quinze funcionários. Esses dois estabelecimentos fazem parte do circuito superior marginal do turismo, possuem a mesma lógica de acumulação e reprodução do capital que o circuito superior, porém com uma menor escala de organização e infraestrutura.

Os dois estabelecimentos estão diretamente relacionados com a atividade turística do circuito superior do eixo da vitrine do turismo, tendo como articulador entre essas duas subdivisões do circuito superior os bugueiros. Estes, por sinal, estão diretamente relacionados com o sucesso ou falência das atividades econômicas desenvolvidas na APAJ como um todo.



Figura 2 – Aquário de Natal – RN
Fonte: Acervo do autor, janeiro de 2014.

A Figura 2 exemplifica a importância dos bugueiros e agências de viagens para a articulação dos circuitos da economia urbana no turismo. A imagem retrata o Aquário de Natal no período da alta estação do turismo, especificamente no mês de janeiro de 2014, com a presença de vários buggys e vans de agências de turismo, responsáveis pela circulação do turista entre os circuitos da economia urbana do turismo.

Se no passado recente os hotéis funcionavam como atrativo dos pequenos investimentos do circuito inferior, atualmente essa função é assumida pelo Aquário de Natal, tendo em suas proximidades vários comércios (Figura 3), que aproveitam o fluxo de

A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN
José Alexandre Berto de Almada

turistas para garantir o sustento de suas famílias. A visita ao aquário é o primeiro ponto de parada do pacote de passeios pelas dunas de Jenipabu, com o período de maior fluxo de turistas entre oito e dez horas da manhã. Após esse horário, o movimento de turistas é quase inexistente, pois, os bugueiros já estão em outros pontos da APAJ.



Figura 3 – Ponto/estabelecimento comercial do circuito inferior em frente ao Aquário Natal – 2014
Fonte: Acervo do autor, 2014.

A Figura 3 retrata turistas consumindo no circuito inferior, em frente ao Aquário de Natal. Ao lado esquerdo do estabelecimento *Frango Assado da Cida*, há uma loja focada na venda de castanhas de caju, cachaças e artesanatos, que segundo o responsável o estabelecimento só funciona no período da alta estação, de dezembro a março, pois, é nesse momento que aumenta o número *buggys* com turistas que visitam o aquário de Natal.

Embora o Aquário Natal seja o principal empreendimento da Redinha Nova ele não se configura na essência do lugar, pois, com exceção dos comércios do seu entorno que funcionam em virtude da sua existência o restante do circuito inferior dessa praia está interligado com outra atividade econômica que não possui relação direta com o turismo praticado no eixo do turismo: o aluguel temporário de casas de praias para os moradores de Natal.

Esse tipo de atividade é responsável pela atual estrutura da configuração territorial da urbanização iniciada na década de 1970, onde as casas fechadas que ocupam as inúmeras ruas de terra e areia são ocupadas nos finais de semana, feriados e durante os festejos de final de ano e carnaval. Em virtude desse fluxo de pessoas que regularmente ocupam as casas de praia durante os períodos específicos se estrutura o restante do circuito inferior na

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN
*José Alexandre Berto de Almada***

Redinha Nova, voltado para atender à demanda de consumo dos veranistas e assim garantir o trabalho dos poucos comerciantes do bairro.

Os principais comércios existentes nessa praia são mercadinhos e distribuidores de bebidas, sendo oito pequenos mercados e três distribuidores de bebidas. Esses últimos com uma infraestrutura bem acima da média dos comércios do circuito inferior da APAJ, com um grande volume de capital investido em estoques de bebidas.

A característica boêmia dos veranistas é fundamental na dinâmica econômica da Redinha Nova, principalmente em função do início da alta estação, período de festas de confraternização de empresas, natalinas e de fim de ano, em dezembro, e no final da alta estação com carnaval. Durante esse período, algumas das distribuidoras de bebidas chegam a funcionar vinte e quatro horas por dia para atender à demanda etílica dos moradores temporários.

A venda de bebidas não fica restrita aos distribuidores de bebidas. Os pequenos mercados também participam desse comércio. Porém, também atendem às necessidades de consumo de produtos básicos dos moradores locais e dos veranistas, que durante os finais de semanas e feriados ocupam as casas fechadas, principalmente durante o período da alta estação, aumentando exponencialmente o número de veranistas no bairro. Durante esse período é comum a vinda de grandes grupos em ônibus fretados, cerca de vinte a trinta pessoas hospedadas em uma única casa, transformando um bairro pouco habitado em uma área densamente ocupada da noite para o dia. Entretanto, nos outros meses do ano a intensa dinâmica da alta estação é substituída pela rotina pacata da praia.

Além das mercearias e distribuidores de bebidas, o circuito inferior da Redinha Nova também está constituído na forma de barracas na orla da praia, instalados desde o final da década de 1980. Porém, ao contrário das barracas de praia de Jenipabu, que são frequentadas, majoritariamente, por turistas, as barracas de Redinha Nova são frequentadas pela população da Zona Norte de Natal, não possuindo uma relação direta com o circuito superior do turismo. Um dos motivos que explica esse fato, segundo os comerciantes dessas barracas, está no fato de que os bugueiros não pararem em seus comércios.

Das praias da APAJ, Redinha Nova é a que menos possui relação com o turismo desenvolvido no eixo da vitrine do turismo, tendo o seu circuito inferior mais integrado com a dinâmica urbana de Natal como um todo, principalmente em função dos veranistas boêmios natalenses que animam rotineiramente os finais de semana dessa praia.

SANTA RITA

A praia de Santa Rita está localizada ao norte da praia da Redinha de Nova e ao sudeste da praia de Jenipabu, sendo a segunda praia mais populosa da APAJ com oitocentos e noventa e quatro habitantes distribuídos em duzentos e quarenta e nove domicílios, de acordo com o Censo de 2010 do IBGE. Igualmente à Redinha Nova, em Santa Rita também há várias casas fechadas destinadas para veranistas. Porém, em menor proporção, uma vez que a essência dessa praia ainda é a primeira residência, principalmente dos moradores nativos que residem nessa praia desde a década de 1940⁶.

O processo de urbanização nessa comunidade está diretamente relacionado com a contradição entre o circuito inferior e superior do turismo, tendo como marco inicial a valorização imobiliária a partir do loteamento realizado na década 1970. Porém, o modelo de loteamento xadrez não permaneceu no decorrer das décadas seguintes, em virtude de construções em áreas não loteadas, principalmente na área de dunas.

A atual configuração territorial dessa praia está diretamente relacionada com o processo de valorização fundiária que transformou a terra em mercadoria, iniciado na metade da década de 1970, agravando-se em meados da década 1990, quando a área passa ser novamente valorizada em função do turismo.

Antes do turismo, praticamente, as únicas formas de subsistência dos moradores de Santa Rita era a pesca e a agropecuária praticada em Jenipabu. Porém, essa realidade começou a mudar com a vinda dos veranistas ainda na década de 1970, que proporcionaram ao lugar um maior fluxo monetário, dando origem aos primeiros estabelecimentos comerciais.

As primeiras mercearias foram abertas para atender às demandas dos veranistas. À medida que a população local obtinha uma pequena renda em função dos serviços prestados aos veranistas eles também passaram a consumir nas mercearias.

A partir da década de 1990, a praia de Santa integra às atividades turísticas desenvolvidas em Natal, passando a ser frequentada por turistas nacionais e internacionais, abrigando em seu território um dos principais cartões postais do turismo litorâneo do estado: o Bar 21, materializando várias atividades comerciais direta e indiretamente relacionadas com a circulação de turistas em suas dunas e praias.

Segundo os dados levantados na pesquisa de campo, essa praia conta com vinte e oito comércios, quatro a menos do que da Redinha Nova. Desses, 57% são administrados

⁶ Segundo informações obtidas em entrevista com os moradores mais antigos de Santa Rita.

por moradores nativos. Quase todos os comércios pertencem ao circuito inferior, com a presença dos mais precários estabelecimentos comerciais da APAJ.

As atividades comerciais em Santa Rita podem ser divididas em dois grupos: os comércios destinados ao morador local, que também atendem eventualmente os turistas, e os comércios destinados aos turistas, muito raramente utilizado pelo morador nativo, que totalizam vinte e oito comércios, do qual, dezesseis são destinados aos turistas e veranistas e doze para os moradores locais.

Os comércios do primeiro grupo são marcados principalmente pela presença de pequenos mercados e uma pequena loja de materiais de construção, e os do segundo grupo por barracas de praia, quiosques nas dunas e passeios de *buggy*, dromedários e esquidunas⁷.

Apesar dessa praia, durante o período da alta estação, receber um grande fluxo de turistas, sendo parte da rotina do lugar, com muitos *buggys* passando diariamente com clientes em potenciais para o circuito inferior em Santa Rita, essa praia ainda não apresenta o mesmo nível de desenvolvimento econômico dos estabelecimentos da Via Costeira e de Ponta Negra.

O fluxo de *buggys* com turistas não elimina a contradição entre as praias da APAJ e a Via Costeira e de Ponta Negra, ao contrário, contribui para a sustentação dessa relação. As atividades do circuito inferior e superior do turismo se dão numa relação de interdependência, mas, essa se dá pela dependência do circuito inferior pelo circuito superior. Mesmo sendo indispensáveis os passeios de esquidunas e de dromedários nas dunas de Santa Rita para quem visita Natal, segundo os agentes de viagens, eles por si só não conseguem garantir o desenvolvimento econômico da praia, pois, apenas uma pequena parcela desse lucrativo fica no lugar, nas mãos de alguns comerciantes.

Além dos pequenos empreendimentos voltados para atender os moradores locais, veranistas e turistas, o circuito inferior em Santa Rita também se constitui pela presença de ambulantes nas dunas, localizados nos pontos de parada dos passeios de *buggy*, vendendo bebidas, artesanatos e *souvenirs*, como fotos dos clientes tiradas durante o passeio com emoção de *buggy*, além de fotos tiradas em jegues estilizados.

Por se tratar de uma área de proteção ambiental e essas atividades serem realizadas em uma área de alta vulnerabilidade ambiental, de acordo com a Lei. 9.254/09, o número de ambulantes que podem exercer atividades nas dunas é controlado pelo IDEMA, que desde 2010 passou a cadastrar esses profissionais, concedendo licenças anuais para os

⁷ Uma atividade tradicional dos moradores nativos, que consiste na utilização de tábuas de fabricação artesanal utilizadas para descer as dunas, atualmente é um dos símbolos do turismo em Santa Rita, empregando 40 moradores nativos na forma de associação igualitária entre eles.

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN
José Alexandre Berto de Almada**

trabalhadores das dunas, ressaltando que as licenças só são concedidas aos profissionais que trabalham nas dunas há pelo menos dez anos. O IDEMA não concede nenhuma licença nova, apenas renova as antigas.

Além dos ambulantes, também são cadastrados pelo IDEMA os trabalhadores do esquidunas. Segundo os dados fornecidos pelo Núcleo de Unidades de Conservação (NUC) do IDEMA, conforme consta a Tabela 2, há 112 profissionais com licenças para trabalhar nas dunas de Santa Rita no período de 2014-2015, divididos em três mirantes. Cada mirante é uma parada de buggy, dois deles com vista para Lagoa de Jenipabu e um com vista para a praia de Jenipabu.

Tabela 2 – Profissionais licenciados para trabalhar nas dunas da praia de Santa Rita, por tipo, local e total 2014 – 2015

	Fotógrafo	Ambulante	Jegueiro	Esquidunas	TOTAL
Mirante 1	4	3	3	-	10
Mirante 2	8	4	5	-	17
Mirante 3	-	41	-	44	85
TOTAL	12	48	8	44	112

Fonte: Dados internos do NUC-IDEMA, 2014.

Os mirantes 1 e 2 possuem vistas para a lagoa de Jenipabu. Praticamente a única forma de acesso dos turistas a esses pontos é através de *buggys*. Como a lagoa de Jenipabu está fechada para a visitação, essa é única forma de interação entre a lagoa e os turistas. O mirante 3 possui vista para as praias de Jenipabu e Santa Rita, situado ao oeste da vila dos pescadores. Além dos profissionais cadastrados pelo IDEMA, nesse mirante também há os *Dromedunas*, que realiza os famosos passeios de dromedários, e vários quiosques, onde é possível comprar artesanatos e roupas ligadas com a moda praia. O acesso pode ser feito por *buggy*, ou a pé, ficando a cinco minutos de caminhada do terminal de ônibus de Santa Rita.

No decorrer dos últimos vinte anos, o território usado pelo circuito inferior na praia de Santa Rita estruturou sua atual configuração territorial, de modo parecido, essa mesma realidade esteve presente em na praia de Jenipabu, mas, essa como mais destaque para atividade turística em si.

JENIPABU

**A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova,
Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN**
José Alexandre Berto de Almada

A praia de Jenipabu é a última praia do sentido norte que compõem a APAJ, sendo a principal praia dessa unidade de conservação no que diz respeito ao turismo, uma vez que vez que das três praias é nessa onde ocorre de forma mais intensa, as transformações territoriais em virtude do turismo.

Das três praias que compõem a APAJ, Jenipabu é a que apresenta o maior número de habitantes e o maior número de domicílios com habitantes permanentes, com novecentos e cinquenta e um habitantes distribuídos em duzentos e cinquenta e oito domicílios, de acordo com os dados do Censo de 2010 do IBGE.

O processo de urbanização pelo turismo nessa praia resultou em uma configuração territorial em função dessa atividade econômica, sendo a praia com a maior concentração de serviços e comércios para turistas, pois, dos trinta e seis empreendimentos entrevistados trinta possuem como público alvo principal os turistas, enquanto os outros seis são destinados ao morador local.

Diretamente ou indiretamente todos os comércios estão relacionados com o consumo que os turistas realizam diariamente em Jenipabu, uma vez que uma grande parcela dos moradores locais que consomem nos outros seis comércios obtêm seus rendimentos com atividades ligadas ao turismo. Dessa forma, do mesmo modo que ocorre em Santa Rita, a atividade turística é força motriz de Jenipabu, sendo essa última praia responsável por praticamente todo o fluxo turístico da APAJ.

Na praia de Santa Rita o circuito inferior do turismo caracteriza-se pela presença do morador nativo nas atividades, seja administrando os pequenos comércios ou como ambulante nos mirantes localizados nas dunas. Já em Jenipabu, os moradores nativos não assumem o papel principal na administração dos empreendimentos, tendo apenas seis comércios em que os moradores nativos são responsáveis.

A maioria dos comerciantes de Jenipabu não é nativa da APAJ. Chegaram a essa praia como investidores a partir da repercussão de suas paisagens no cenário do turismo nacional, buscando encontrar em Jenipabu uma oportunidade de crescimento econômico. Porém, ao contrário dos investimentos em Ponta Negra e na Via Costeira, que representam os interesses do grande capital, os investidores que se instalaram em Jenipabu possuíam poucos recursos para desenvolver negócios. Dessa forma, contribuindo para constituir o circuito inferior nessa praia.

A grande presença de estrangeiros em Jenipabu não significa que os moradores nativos foram expulsos de sua praia, eles estão presentes, não como proprietários dos estabelecimentos, mas, como funcionários das pousadas, restaurantes, barracas de praia,

caseiro das casas de veraneio e também como autônomos, oferecendo serviços aos turistas. Por exemplo, os passeios de jangadas realizados pelos antigos pescadores, que abandonaram a rede de pesca em função da lucratividade do turismo, que é uma atividade feita por moradores nativos.

Embora a atividade turística esteja mais articulada em Jenipabu do que nas outras praias da APAJ ela ainda não consegue sua independência em relação ao circuito superior do turismo do eixo da vitrine do turismo, mesmo tendo em seu território a presença de quatro pousadas, elas por si só não garantem a permanência do turista por muito tempo, Segundo os proprietários das pousadas, o principal motivo da evasão dos clientes é a falta de atrativo noturno de Jenipabu, uma vez que o lazer termina com o pôr do sol e aliado a isso há a questão da falta de segurança e policiamento na área, incidindo o número de assaltos aos turistas, evidenciado pelos comerciantes que participaram das entrevistas.

O processo de urbanização que ocorreu em Jenipabu é muito parecido com o que ocorreu em Santa Rita, pois, os dois estão diretamente relacionados com a turistificação do litoral da Zona Sul de Natal. Os comércios dessa praia estão instalados em média há 11,5 anos, o que evidencia o caráter recente de sua urbanização, igualmente às outras praias da APAJ.

Jenipabu é a principal praia que compõe a APAJ, uma vez que, foi a partir da valorização de suas paisagens, entre as décadas de 1980 e 1990, que iniciou o processo de urbanização em função do circuito inferior nessa praia e nas praias vizinhas, Santa Rita e Redinha Nova, bem como a criação da área de proteção ambiental, cujo principal objetivo era proteger os elementos naturais que compõem o potencial paisagístico dessas praias, o seu campo dunar.

A configuração territorial resultante do processo de urbanização na APAJ, conforme retrata a Figura 4, apresenta pontos de concentração de atividades comerciais. Na Redinha Nova, os comércios concentram-se ao longo da rodovia RN 303, sendo essa a única rua asfaltada dessa praia e da praia de Santa Rita; Nessa última praia, a maioria dos comércios concentram-se no largo de Santa Rita, onde termina a rodovia RN 303, além de ter alguns comércios espalhados pelas pequenas ruas de terra que cortam o bairro. A mesma configuração territorial ocorre na praia de Jenipabu, onde os comércios se aglutinam em sua avenida principal.

A reestruturação produtiva e o circuito inferior do turismo nas praias de Redinha Nova, Santa Rita e Jenipabu, Extremoz – RN
José Alexandre Berto de Almada

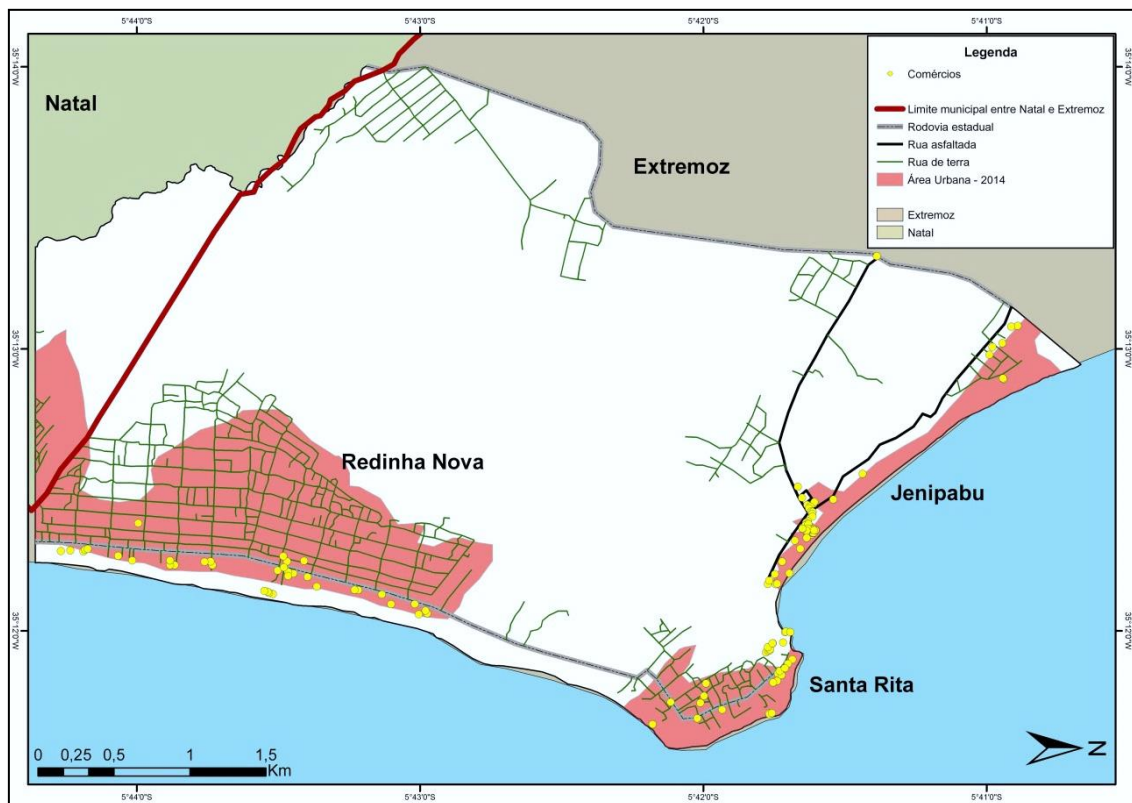


Figura 4 – Mapa da malha viária, espacialização dos comércios e área urbana da APAJ – 2014
 Fonte: Datum: SIRGAS 2000, elaborado pelo autor, 2014.

Apesar de o mapa mostrar uma grande área urbana que avança em direção às dunas dessa área de proteção ambiental. Quase todas as ruas que compõem a morfologia urbana dessas praias não são asfaltadas, praticamente sempre ocupadas por casas de vilegiaturas fechadas ou abandonadas, com um pequeno número de atividades comerciais, que, apesar de apresentarem formas urbanas, concentram várias funções rurais, principalmente a criação de diminutos rebanhos ovinos, caprinos, bovinos e equinos que pastam livre pelos inúmeros terrenos vazios que preenchem os lotes tortuosos dessas praias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período entre as décadas de 1980 e 1990 marcam o início da reestruturação produtiva do turismo no Rio Grande Norte a partir da inserção de sua capital na rota do turismo internacional, implicando em transformações no espaço geográfico de Natal para atender às novas demandas de uso do território, resultando em áreas com configurações territoriais específicas para esse setor da economia, principalmente a área entre a Via Costeira e av. Engenheiro Roberto Freire que conecta aquela via com a praia de Ponta

Negra, onde estão localizados os grandes empreendimentos turísticos com serviços de hospedagem, alimentação e lazer.

Porém, as modificações vivenciadas em Natal pela reestruturação produtiva do turismo não ficaram restritas a área denominada vitrine do turismo, elas possibilitaram um processo de urbanização marginal e dependente nas praias em seu município vizinho ao norte. Dessa forma, no decorrer dos últimos trinta anos, o território usado pelo circuito superior do turismo em Natal resultou também em um território usado pelo circuito inferior do turismo, que estruturou nas praias de Redinha Nova, Santa Rita e Jenipabu, em Extremoz.

As atividades que compõem o circuito inferior são marcadas pela sua relação de dependência com o circuito superior. Desse modo, a estrutura econômica da APAJ está entrelaçada com as estruturas do circuito superior do turismo na capital. Uma queda do setor resulta na queda da margem dos lucros dos grandes empresários do setor e agrava a situação da pobreza na APAJ.

Enquanto a atividade turística for a principal fonte de renda das praias que compõem a APAJ, Jenipabu, Santa Rita e Redinha, a relação de dependência do circuito inferior com o superior continuará existindo, uma vez que nessa relação dialética, a contradição entre os dois circuitos é mais perversa para quem está no lado inferior da economia. Enquanto os empreendimentos do circuito superior têm como meta a acumulação do capital, para que os dividendos possam ser utilizados em novos investimentos, no circuito inferior a realidade que garante a manutenção desse setor é dependente da venda diária dos produtos e serviços, que garantem a compra diária de alimentos e mercadorias que serão vendidas no próximo dia.

REFERÊNCIAS

ALMADA, José Alexandre Berto de. **Santa Rita**: do território de praia ao produto na prateleira do turismo potiguar. 2013. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo. Reestruturação produtiva no Rio Grande do Norte. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. especial (2), p. 113-132, set. 2013.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Políticas de Turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil**. 1999. 203 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FURTADO, Edna Maria. **A “onda” do turismo na cidade do sol:** a reconfiguração urbana de Natal. 2005. 302 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

GOMES, Maria Terezinha Gomes. **O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do oeste paulista:** Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto. 2007. 331 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 de set. de 2014.

KANFOU, Rémy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (org.). **Turismo e geografia:** reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 62-74.

RIO GRANDE DO NORTE. Lei nº 9.254, de 06 de outubro de 2009. Dispõe sobre o Zoneamento Ecológico Econômico da Área de Proteção Ambiental Jenipabu – APAJ, nos municípios de Extremoz e Natal, criada pelo Decreto de nº 12.620, de 17 de maio de 1995, e dá outras providências. **Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, 2009.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SILVA, Alessandro Ferreira Cardoso da Silva. **O Litoral e a metrópole:** dinâmica imobiliária, turismo e a expansão urbana na Região Metropolitana de Natal-RN. 2010. 436 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SILVA, Marconi Gomes. Dinâmica econômica recente e reestruturação produtiva no Rio Grande do Norte (1970-2000). **Revista História Econômica & História de Empresas**, São Paulo, v. 17, n. 1. p. 257-294, 2014.

SILVEIRA, Maria Laura. Metrópolis brasileiras: um análisis de los circuitos de la economía urbana. **Revista Eure**, Santiago de Chile, v. 33, n. 100, p. 149-164, dez. 2007.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

Recebido para publicação em 21/07/2016
Aceito para publicação em 26/12/2016